

TEMPO DE FAXINA

TEREZA CRUVINEL, DIRETORA-PRESIDENTE DA EBC, RECONHECE QUE OPERA UM SISTEMA DE COMUNICAÇÃO MUITO COMPLEXO E ENFRENTA DESAFIOS BUROCRÁTICOS E INSTITUCIONAIS, MAS GARANTE QUE ISTO NÃO REPRESENTARÁ UMA RUPTURA COM OS COMPROMISSOS FIRMADOS NO LANÇAMENTO DA TV BRASIL

POR TETÊ DUCHE
DO RIO DE JANEIRO



"PESQUISAS AJUDAM A DEFINIR A PROGRAMAÇÃO, MAS NUNCA PODEREMOS ABDICAR DOS COMPROMISSOS EM FAVOR DA BUSCA DA AUDIÊNCIA, EMBORA ELA SEJA IMPORTANTE"

Finalmente, decorridos mais de dezoito meses dos primeiros passos da TV pública federal, o Congresso Nacional incorporou a Radiobrás à Empresa Brasileira de Comunicação, a EBC, resolvendo, no dia 12 de junho, um dos principais entraves relacionados à estrutura burocrática e organograma da TV Brasil. Engana-se quem imagina que os problemas políticos eram os únicos. Tereza Cruvinel, diretora-presidente da EBC, tem à frente outros dilemas: a coesão das culturas corporativas estatais, arraigadas nas emissoras que compõem a atual empresa, a administração de um orçamento ainda incerto, a confusão entre público e estatal, que resiste entre os quadros políticos da oposição, o público e os próprios funcionários e, sobretudo, a pressão exercida por diversos setores da sociedade civil, que desejam conquistar um espaço na programação da TV Brasil, sob o argumento de que precisam ser representados, já que a emissora é plural, segundo sua certidão de nascimento.

Em entrevista à IMPRENSA, Tereza Cruvinel, em meio à transição do modelo estatal para o público, afirma que o desafio permanece o mesmo desde a criação da EBC: "fazer televisão, rádio e jornalismo dentro dos regimentos do setor público, buscando assegurar o maior pluralismo na radiodifusão brasileira". No universo das TVs, que nunca admitem menos de dois dígitos no Ibope, a TV Brasil comemora a primeira conquista acima do traço, ou seja, alguns poucos telespectadores já começaram a assistir a emissora. O carro-chefe da TV Brasil, o jornalístico "Repórter Brasil", alcançou 1,83 pontos. "Pesquisas ajudam a definir a programação, mas nunca poderemos abdicar dos compromissos em favor da busca da audiência, embora ela seja importante", adverte Tereza.

Diante das dificuldades na implantação, na gestão e na programação da TV Brasil, Tereza Cruvinel rebate lembrando que, historicamente, a televisão brasileira nasceu no setor privado, na década de 1950, seguindo o caminho inverso

de países europeus como Inglaterra, Itália, França ou Alemanha, que criaram primeiro as TVs públicas ou estatais. Tereza Cruvinel argumenta também que o "renascimento" da TV pública brasileira, em suas mãos, não seguirá um modelo centralizador, como tem ouvido dizer. "Não sou eu. É a lei que impõe procedimentos mais rígidos. São regras, editais que

precisam ser obedecidos. A Lei 8.666, por exemplo, aplicável a qualquer órgão financiado com dinheiro do governo, é uma que só em casos excepcionais dispensa licitação. Exige certidões e ficha limpa da produtora. Todo mundo sabe disso. Inclusive eu, que vim do setor privado", argumenta Cruvinel. Vale lembrar -que a mais recente crise da TV Brasil teve como ápice o pedido de demissão de Orlando Sena, diretor-geral da EBC, argumentando que faltavam autonomia e mobilidade suficientes.

Diversas entidades e movimentos sociais que apoiaram a criação da EBC reclamam que suas reivindicações ainda não foram atendidas pelo Conselho Curador, composto por indicações da sociedade civil. Teme-se que o conceito de público continue "mesclado" ao antigo modelo estatal. Tereza Cruvinel garante que, muito em breve, o Conselho Curador fará uma audiência pública para ouvir todos os segmentos que o apoiaram, mas faz uma ressalva: "Não haverá rateio de grade de programação entre as instituições. Vamos dialogar sempre, porém a responsabilidade editorial é do Conselho", responde taxativamente.

Para a professora de audiovisual da Unb e Conselheira das TVs Comunitárias há 10 anos, Heloísa de Toledo Machado, a expectativa do segmento comunitário é enorme. "Queremos



Figlio Rodrigues/Pozzobon/ABR

DESAFIOS

TEREZA CRUVINEL TEM DIANTE DE SI A MISSÃO DE CONSTRUIR UMA EMISSORA PÚBLICA EM CENÁRIO INCERTO



FORÇAS

BELUZZO, MARTINS
E TEREZA EM REUNIÃO
DO CONSELHO CURADOR
(À ESQ.). A PRESIDENTE
(À DIR) CARENTE QUE
NÃO HAVERÁ LOTEAMENTO
DA PROGRAMAÇÃO

nos ver representados. Precisamos reduzir o monopólio das TVs privadas. São pequenas famílias monopolizando a opinião, a criação, a visão de mundo através do espectro que é público. Reconheço o empenho dela [Tereza] para ampliar a malha de produções. Sei que a solução só virá a médio prazo mesmo", afirma a professora. Já a jornalista e apresentadora do programa "Curta Brasil", Ivana Bentes, que também integra o comitê organizador do I Fórum de Mídia Livre, o desafio da nova TV pública não é pequeno. O conceito de público não existia e tudo era confundido com estatal. "O sentido de público ainda não está incorporado às pessoas. A TV pública está em uma encruzilhada muito grande. A EBC se confronta com o paquiderme burocratizado e centralizador que foi a Radiobrás", critica Ivana. "Nunca houve troca de conteúdos entre as emissoras públicas. As concessões eram dadas em troca de favores políticos. Eu assinei a carta de apoio à nova televisão pública junto com diversos atores da sociedade brasileira e quero que ela se abra para a diversidade e para o Terceiro Setor", afirma a professora, embora reconheça que "mudanças não ocorrem da noite para o dia. Sei o quanto é difícil gerir uma máquina pública".

Tereza Cruvinel afirma que está ciente de tudo isto. Esclarece ainda que a EBC vai dar mais espaço ao jornalismo colaborativo. "Queremos grande aporte de conteúdos, tanto no jornalismo como em toda a programação", disse, dando como exemplo a participação do telespectador no quadro "Um outro Olhar", do "Repórter Brasil". A diretora-presidente afirma que "é o diálogo que trará inovações para

os veículos da EBC" e adianta, para IMPRENSA, que está em fase de produção o "Festival de Vídeo Tela Digital", com 26 minutos de duração, que abrirá espaço para jovens produtores de audiovisual. Com o objetivo de procurar caminhos não explorados pela TV comercial, a TV Brasil já está com um correspondente em Angola, que servirá de base para a cobertura jornalística do continente africano. "Nosso objetivo é dar espaço para a cobertura jornalística onde a televisão comercial não teve ainda o interesse em manter correspondentes, como os países da África" afirma. Para tornar essa base viável, a EBC assinou um acordo com a Televisão Pública de Angola (TPA) a fim de garantir a infra-estrutura técnica para correspondentes e intercâmbio de produção. "Os veículos da EBC vão receber profissionais angolanos para trabalhar aqui e cobrir temas brasileiros", revela Tereza Cruvinel.

A empresa já colocou no ar 278 horas de programação independente inédita, com quatro horários dedicados ao cinema nacional, mas não pretende simplesmente competir com outros veículos. Estreou uma faixa de produções internacionais chamada "Doc - Latino América" e, em breve, colocará no ar a faixa semanal "América Latina — Qual como somos" onde será exibido um documentário de cada país latino-americano, mostrando diversos aspectos de seu povo. Questionada sobre a saída de programas que estavam há dez anos na grade da extinta TV Educativa do Rio, como o "Direito em Debate", Tereza Cruvinel afirma que a TV Brasil está, na verdade, reformulando o programa sobre temas jurídicos. A intenção é abrir espaço a todos os segmentos do Judiciário, dos advogados à magistratura, para que eles possam ter voz na TV Brasil. A faxina apenas começou. "Sou uma mulher de desafios" afirma Tereza.